REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 268

1 DE JUNHO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabaram-se os festejos brilhantes com que Lisboa solemnisou o casamento do principe real com a princeza D. Maria Amelia d'Orleans, e pode-se dizer, em honra d'essas festas, que algumas desmentiram o velho proverbio: — foram melhores do que esperar por ellas.

Outras, não; outras deixaram muito a desejar, estiveram muito áquem do seu pomposo programma e não admira, porque na multidão e diversidade de festas, por que a actividade de Lisboa se espalhou, era difficil que todas tivessem o mesmo brilho, adquirissem o mesmo alto grau de esplendor.

Depois de escripta esta nossa chronica ainda ha alguns festejos, a *kermesse* do Jardim Zoologico, a illuminação e fogo na Tapada, o sarau do Gymnasio Club, a recita do *Promessi Sposi* por distinctos amadores de musica, e por outros tambem distinctos amadores de musica a execução da cantata do sr. Alfredo Keil *As Orientaes*, de que dizem maravilhas; mas as festas officiaes terminaram no dia 28, com a recita de gala no theatro de D. Maria.

Foram muitas essas festas, e é pouco o espaço da nossa chronica para as descrever.

O OCCIDENTE começa hoje a registal-as nas suas gravuras, e nós aqui historial-as-hemos rapidamente pela sua ordem chronologica.

Na nossa ultima chronica noticiámos a chegada da princeza Amelia d'Orleans a Lisboa, e hoje o nosso dezenho da 1.ª pagina reproduz o aspecto brilhante da gare do caminho de ferro de norte e leste quando chegou o comboio. A estação estava enfeitada alegremente com bandeiras, escudos de armas e grinaldas de flores; a multidão que enchia a gare era enorme, e a recepção da formosa princeza e de seus paes foi imponente, e marcou o começar dos festejos.

Os condes de Paris e suas filhas e filho foram

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA

CHEGADA DA PRINCEZA D. MARIA AMELIA DE ORLEANS Á GARE DO CAMINHO DE FERRO DO NORTE E LESTE — 19 DE MAIO DE 1886
(Desenho de J. Christino)

alojar se no palacio das Necessidades, onde no dia immediato se alojava tambem o principe Jorge, filho do principe de Galles, que veio expressamente a Lisboa representar a rainha Victoria, sua avó, nas festas do casamento do principe de Portugal.

No dia seguinte el-rei recebeu em audiencia especial a embaixada extraordinaria de Hespanha, composta dos srs. Mendes Vigo, almirante Topete e general Cuenca, encarregados pela rainha regente D. Christina de a representar na ceremonia, e o sr. Billot, embaixador de França, encarregado pelo presidente da republica franceza de egual representação.

No sabbado, ás du s horas da tarde, realisou-se o casamento da princeza d'Orleans com o principe D. Carlos no templo de Santa Justa.

Damos hoje duas gravuras representando, uma o aspecto exterior da egreja, a chegada do cortejo real, com os ricos coches historicos e todo o estado, que só apparece n'estes dias solemnes, e a outra o aspecto interior da egreja.

Importou em grandes sommas a ornamentação interna do templo, e estava riquissima, deve-se confessar; mas se como riqueza era notavel essa ornamentação, não o era egualmente como arte. Sob o ponto de vista artistico, a egreja de S. Domingos deixou muito a desejar: o plano primitivo da ornamentação teve que ser muito e disparatadamente modificado mais tarde, estragando-se assim, prejudicando-se completamente o effeito que concebera o architecto illustre a quem fora encarregado o projecto da ornamentação, sahindo por fim um todo desharmonico, um amalgama defeituoso e incoherente, sem unidade, sem idea, sem estylo.

A ornamentação das ruas por onde passou o cortejo era vistosa, mas pouco artistica tambem, uma ornamentação de arraial bonito, nada mais.

O que era incalculavel era a immensidade de gente que enchia essas ruas, apesar do longo trajecto do cortejo, desde S. Domingos até ao paço de Belem.

Á uma hora sahiram do paço da Ajuda el rei D. Luiz, a rainha D. Maria Pia, S. A. o principe real, o duque d'Aosta, o principe Jorge, o sr. infante D. Augusto, com toda a sua comitiva nos coches ricos, precedidos por um piquete de lanceiros, passavantes e reis d'armas, com todo o apparato e regra d'estas solemnidades.

Pouco depois partiram do paço das Necessidades, em coches tambem de gala, a noiva do principe, o conde e a condessa de Paris, o principe d'Orleans, a princeza Helena, o principe de Saxe, a princeza de Joinville, o duque d'Aumale, acompanhados por S. A. o principe D. Affonso e pelas suas brilhantes comitivas.

O principe D. Carlos veio á porta do templo receber a sua noiva, effectuando-se em seguida o casamento com o luzimento do estylo, e partindo depois os dois cortejos, encorporados então n'um só, para o paço de Belem.

Pelas ruas do transito mal se podia passar; a multidão compacta fazia alas por todas as ruas até Belem, e em varios sitios saudava com vivas enthusiasticos os noivos, que acabavam de unir-se pelos laços da egreja, e iam juntos, radiantes de juventude e de felicidade, no grande coche de vidros.

A noite toda Lisboa illuminou, excepto a Avenida, da illuminacão da qual annunciavam maravilhas, mas que n'essa noite, não sabemos porquê, se conservou ás escuras, pregando assim uma furiosa peça á enorme multidão que a encheu, á espera do effeito dos 48 arcos illuminados a gaz.

Algumas das illuminações de Lisboa foram brilhantes, sobresahindo entre ellas a do edificio dos Paços do Concelho, com a fachada toda dezenhada a gaz. e que produzia um bello effeito.

O Terreiro do Paço tinha muita luz, doze mil lumes, mas a disposição da illuminação era de muito mau gosto, e produzia pouco effeito.

A fachada da egreja de S. Domingos, dezenhada a gaz, estava bonita, e bonitas eram tambem as illuminações dos predios do sr. conde de Franco, José Ribeiro da Cunha e Polycarpo Anjos, na Praça do Principe Real, as do Hotel Central, e do Hotel de Bragança, que, illuminado muito simplesmente, com balões venezianos, fazia um bello effeito visto de longe.

A illuminação da rua de S. Bento era vistosa, e a do largo de Camões notavel pelo mau gosto.

Em illuminações, Belem levou a palma a Lisboa.

A da casa do sr. Franco, na rua direita de Belem, era magnifica; a da casa do sr. Burnay, toda em vidros de cores, era delicadissima, de uma elegantissima distincção; e a illuminação da praça de D. Fernando, em frente do palacio de Belem, era tudo o que de mais bello temos visto em illuminação.

Parecia um conto de fadas, um sonho das *Mil e uma noites*, esse largo, todo coberto de balões venezianos e de vidros de cor, dispostos com uma arte caprichosa, com o coreto dezenhado a luminarias de cores, e no fim a longa ponte dos vapores, toda coberta de balões, estendendo-se pelo rio dentro.

Em frente do largo, no Tejo, uma immensidade de barcos illuminados mergulhavam quasi nas aguas tranquillas do rio, que os espelhavam, os seus balões multicores; os yachts de recreio dezenhavam nitidamente no escuro da noite as suas formas graciosas com illuminações de uma cor só, que lhes davam um aspecto phantastico; e, completando este quadro maravilhoso de magica, de bordo dos barcos e na ponte dos vapores lançavam ao ar centenares de foguetes de lagrimas, que reproduziam nas aguas tranquillas as suas cores vivissimas e enchiam o horizonte d'este quadro de *féerie* de uns tons phantasticos, de uma belleza extranha e unica.

No dia immediato, domingo, ás duas h ras da tarde, recepção no paço de Belem, recepção que foi extraordinariamente concorrida, e á noite recita de gala em S. Carlos.

Essa recita foi com certeza a mais brilhante de todas as festas do casamento do principe.

A formosa sala do theatro de S. Carlos, que parecia ainda muito maior pela ausencia do lustre, que é muito bonito, mas occupa muito espaço, estava illuminada deslumbrantemente a luz electrica, com uma orgia de claridade que nunca viramos em theatro.

A enchente era enorme, tanto nos camarotes como na platea, como até no palco.

Se o sr. Campos Valdez não tivesse tido a boa idea de substituir o gaz pela luz electrica, ninguem poderia parar na sala com calor.

A platea superior e a platea geral estava quasi toda cheia de senhoras com *toilettes* vistosas e elegantes.

Nos camarotes todas as senhoras decotadas e de manga curta. Homens, tanto nos camarotes como na platea, de casaca ou de farda. Quando ás nove horas e meia entravam no camarote real — deslumbrante com os seus lustres de luz electrica reflectindo se nos espelhos da tribuna — ao som do hymno real, el-rei D. Luiz, toda a familia real e os seus augustos hospedes, e todos os espectadores que estavam no theatro, homens e senhoras, se puzeram em pé, o effeito da sala era explendido, magestoso.

No camarote real havia tres filas de cadeiras; na primeira tomaram assento S. M. a rainha, tendo á sua esquerda a princeza Amelia e á direita a condessa de Paris, a princeza de Joinville e a princeza Helena d Orleans; na segunda, el-rei D. Luiz, dando a direita ao conde de Paris, principe Amadeu, principe de Saxe, e a esquerda ao principe Jorge e principe D. Carlos; na terceira, o infante D. Affonso, o principe d'Orleans, o infante D. Augusto e o duque de Chartres. Atraz, de pé, os officiaes móres da casa real, os altos dignitarios e o ministerio. O corpo diplomatico estava no camarote particular de el-rei D. Fernando, cedido para essa noite pela sua viuva, a sr.ª condessa d'Edla; no camarote particular de el-rei assistiram ao espectaculo as damas de S. M., da princeza e da condessa de Paris; nas frisas da policia, a comitiva do sr. conde de Paris; no camarote do ministerio, os ajudantes do duque d'Aosta e do principe Jorge. O duque d'Aumale não assistiu ao espectaculo, porque partiu n'essa tarde para Paris.

No palco a agglomeração de senhoras e de homens que não tinham podido obter logar na sala era enorme, e irrompia por detraz dos bastidores, e enchia quasi todo o fundo da scena, importando-se pouco com o panno que estava erguido, em ser vista pelos espectadores, comtanto que visse o camarote real.

No fim do 3.º acto da *Aida* a familia real retirou-se.

Quando S. M. a rainha fez o cumprimento ao publico, o sr. Fernando Palha, presidente da camara municipal de Lisboa, levantou vivas a toda a familia real e aos seus augustos hospedes, que foram correspondidos pelos espectadores. Findos esses vivas, irromperam de toda a sala vivas e applausos enthusiasticos á familia real, a el-rei, á rainha, ao principe D. Carlos, e á nova princeza de Portugal, vivas e applausos que se demoraram por alguns minutos, sendo então a familia real alvo de uma grande e ruidosa ovação.

No dia 24 houve recepção official no paço da Ajuda e á noite jantar de gala, de mais de 200 talheres.

A parada foi no dia 25. Muita gente nas ruas, muita gente pelas janella, e um grande *successo* para os alumnos do collegio militar e para o corpo da armada que tiveram as honras da parada, e foram applaudidos enthusiasticamente, pelas multidões, em todas as ruas do transito.

As tropas apresentaram-se em ordem, mas os novos uniformes fazem mau effeito exceptuando apenas os de caçadores a pé Os penachos dos capacetes da cavallaria e da artilharia são d'um gosto deploravel e exigem immediata reforma.

O estado maior d'el-rei era deslumbrante.

S. M. vestido de generalissimo com o respectivo bastão, e montando excellentemente um bello cavallo era seguido pelo principe Jorge, o duque de Aosta, o principe real, infante D. Augusto e ministro da guerra.

O sr. Fontes Pereira de Mello, como director da arma d'engenharia seguia logo atraz, precedendo o estado maior, numerosissimo a que davam grande realce as fardas vistosas e elegantes dos officiaes italianos e hespanhoes.

A noite a Avenida illuminou, e vingou-se das trevas em que jazera nas outras noites.

Essa illuminação era brilhante e os arcos de gaz em toda a enorme extensão da Avenida desde a rua das Pretas até Val de Pereiro faziam um effeito lindissimo, mas não muito novo, porque Lisboa já vira igual illuminação na rua dos Fanqueiros por occasião dos festejos do centenario do marquez de Pombal.

O fogo foi muito infeliz: alguns foguetes bonitos, mas inferiores aos que se queimaram no bairro Camões, nas festas do tri-centenario do cantor dos Luziadas. Alem d'isso o fumo prejudicou muito o effeito do fogo. Não havia vento que o varresse, e as peças de fogo fixo não chegaram a ser vistas a pouca distancia mesmo.

A agglomeração de povo na Avenida é que foi verdadeiramente extraordinaria, como nunca se vira em Lisboa.

Calculam-se em 100:000 as pessoas que estavam ali reunidas na rua e espalhadas pelos palanques e pelas janellas.

As corridas de cavallos que se realisaram nos dias 26 e 28, foram muito concorridas mas sem enthusiasmo; decididamente o nosso publico não se habitua a esse genero d'espectaculos e hoje, como ha cerca de 15 annos quando se inauguraram entre nós, as corridas de cavallos continuam a ser um divertimento apenas para um grupo muito restricto.

Na noite de 26 houve baile no paço da Ajuda, um baile de esplend r perfeitamente regio. A concorrencia a esse baile foi enorme. Fizeram-se 2:700 convites e ás 2 horas da noite ainda entravam nas salas senhoras, que desde as 11 horas esperavam na longa fila de carruagens — que da Ajuda chegava quasi até Alcantara — a vez de se apearem á porta do palacio real.

O principe D. Carlos e a princeza sua esposa demoraram se pouco tempo no baile. Entraram depois das 11 horas e meia e sahiram muito antes da uma hora.

El-rei e a rainha estiveram até cerca das tres horas e andaram conversando com os seus convidados com a amabilidade graciosissima que fazem suas magestades adoradas de todos quantos se lhes approximam.

El-rei D. Luiz conversou muito com os jornalistas estrangeiros e com os jornalistas portuguezes a quem pela primeira vez fez a honra distincta de convidar para as suas festas.

A corrida de touros dada pelo *Turf Club* em honra dos noivos dizem nos que esteve muito animada, mas insupportavel pela enorme quantidade de gente que enchia as trincheiras brutalmente a ponto de esbordar até encher as trincheiras falsas.

No meio da tourada os condes de Paris, o duque d'Orleans a princeza Helena e o principe de Saxe, partiram para o caminho de ferro e seguiram para Paris. O principe Jorge, tambem quasi á mesma hora se despediu da familia real portugueza e partiu para bordo do seu navio d'onde assistiu ao fogo, seguindo no dia immediato para Gibraltar.

Ao fogo assistiram portanto no Museu de Bellas-Artes, apenas el-rei D. Luiz, a rainha, a princeza Amelia, o principe D. Carlos, o principe Amadeu e os infantes D. Affonso e D. Augusto.

O panorama que offerecia o Tejo, era deslumbrante.

Os montes da Outra Banda eram desenhados todos nas suas curvas caprichosas, com barricas d'alcatrão a arder, que produziam um effeito surprehendente.

No rio centenares de barcos de todos os tamanhos illuminados.

A noite estava serena e escurissima, uma bella noite para illuminações e de bordo do couraçado Italia, cinco grandes focos de luz electrica brincaram toda a noite sobre o Tejo arrancando effeitos caprichosos e phantasticos das nuvens de fumo que o fogo produzia.

O fogo foi explendido; houve foguetes magnificos, verdadeiros deslumbramentos de pyrotechnia.

A recita de gala no theatro de D. Maria, que apesar de muito concorrida não teve o brilho da recita de gala em S. Carlos e nem de muito longe se pode comparar com ella, terminou as festas officiaes, com que Lisboa solemnisou o fausto enlace do principe D. Carlos com a princeza Amelia d'Orleans, festas extraordinarias que trouxeram á nossa capital uma quantidade excepcional de forasteiros de todo o reino, das ilhas e do estrangeiro, e que mudaram completamente durante oito dias a physionomia habitual da nossa cidade pacata e tranquilla.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

As gravuras que publicamos em o nosso numero de hoje dizem todas respeito ás grandes festas, com que Lisboa acaba de solemnisar o casamento de SS. AA. o principe real D. Carlos e princesa D. Maria Amelia.

A chronica descrevendo essas festas refere-se ás gravuras que illustram as paginas do OCCIDENTE e que reproduzem os desenhos de J Christino encarregado pela direcção do OCCIDENTE de fazer a *reportage* artistica dos festejos, encargo de que se desempenhou brilhantemente tanto nos desenhos que hoje publicamos, como nos que temos a publicar nos proximos numeros. Procuramos assim bem servir os nossos assignantes que não assistiram aos festejos para que possam fazer idéa do que foram as festas, e o paiz por ter uma illustração exclusivamente portugueza que lhe archiva os fastos mais notaveis da sua historia.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PHOTOGRAPHIA NO PORTO

(Continuado do n.º 266)

Occupar-nos hemos agora dos photographos nacionaes.

A Photographia Moderna apresenta-se distinctamente, na variada e numerosa collecção de provas de diversos processos photographicos que exhibe, revelando-se em todos esses trabalhos não só uma intuição artistica esmerada, como um desejo muito louvavel de progredir por meio do estudo proveitoso das novas descobertas da photographia.

Foi aos proprietarios d'este reputado estabelecimento que se deveu a iniciativa do presente certamen e é a um d'elles, o sr. Ildefonso Correia, que cabe grande parte da gloria resultante dos esforços empenhados para o seu bom exito.

O sr. Ildefonso Correia, a cargo do qual está a direcção technica da Photographia Moderna, possue a par de uma intelligencia culta, uma aptidão não vulgar reunida ainda a uma grande força de vontade.

D'este modo, os conhecimentos vastos adquiridos pela leitura constante de tudo quanto se relaciona com a arte que cultiva, o que dá um peculio poderosissimo de elementos de competencia technica, e o bom gosto manifesto e indispensavel derivado de uma orientação artistica bem educada, contribuem para que os trabalhos d'esta casa se extremem por qualidades que não podem passar desapercebidas áquelles que não se deixam facilmente offuscar por meras apparencias.

Exhibe a Photographia Moderna retratos em diversos formatos, desde o cartão de visita até á ampliação em tamanho natural, paisagens, costumes, phototypias, photo lithographias, etc.

Nos retratos accentua-se a par de uma boa disposição das figuras, a sciencia de os tornar de um aspecto delicado, sem se recorrer ao lambido do toque exagerado. O retoque é apenas o indispensavel e isto contribue para que a physionomia apresente uma modelação completa e gorda sem desapparecerem os traços da individualisação. Com este predicado essencial e com o auxilio de uma boa distribuição de luz, o retrato torna-se suave, de um relevo agradavel e de um desenho que faz sobresahir os valores das tonalidades.

Como exemplos de correcção indicaremos, entre outros, um delicioso busto de mulher com a cabeça envolta em um lenço, um verdadeiro primor de arte, os retratos de João Correia, Rossi, Taborda, João Rosa, da esposa de Bordallo Pinheiro, de varias actrizes, de uma cabeça de mulata, um retrato em corpo inteiro, de uma senhora, com um vestido de chita, um busto de *manola*, o retrato em meio corpo, do mesmo modello, os de creanças e finalmente os do novo formato denominado cartão-felicitação.

Na maior parte d'estes retratos predomina o fundo branco, mais ou menos sombreado, começando-se a abandonar os fundos de scenographia, de composição phantasiosa. A simplicidade do fundo em photographia contribue sempre para o maior realce do retrato.

Relativamente ás ampliações expostas, achamol-as muito inferiores aos demais trabalhos d'esta casa. Quasi todas se resentem das durezas e das incorrecções peculiares a este genero de reproducção, e algumas até deixam bastante a desejar em presença do merecimento revelado nos retratos directos.

Na collecção das paisagens e vistas ha exemplares muito bem trabalhados e de perfeita nitidez. Mencionaremos entre as ultimas um excellente panorama das installações da Companhia das Aguas, no rio Sousa, em quatro chapas, e que abrange uma extensão de cerca de 500 metros.

Em phototypia ha diversas provas apreciaveis, extremando-se n'ellas um bello retrato do sr. Ramalho Ortigão.

Muito boas as impressões de chromotypia, de clichés da sr.ª D. Margarida Relvas e dos srs. Carlos Relvas, Joaquim Bastos, Rebello Valente, Eduardo Alves e Anthero de Araujo.

Merecem mencionar-se as provas de photoglyptia, o processo que melhor imita a photographia e que tem a vantagem de poder imprimir-se a qualquer côr.

Tambem são dignas de apreço as provas gelatino-bromuradas, as unicas expostas por photographos portuguezes e que representam uma tentativa feliz.

Todos estes processos tem sido exhibidos nas illustrações da *Arte Photographica*, publicação interessante e valiosa feita pela Photographia Moderna e que constitue mais um dos titulos da subida aptidão dos seus proprietarios.

Este estabelecimento, que tem montadas vastas officinas de lithographia, photo-lithographia, phototypia, etc., por um sentimento de escrupulosa honestidade, collocou todos os seus productos fóra de concurso, vista a cooperação activa que exerceu para o bom resultado do certamen, mas não obstante isso os seus trabalhos não deixaram de merecer a attenção do publico e os louvores do jury respectivo.

A Photographia União, um estabelecimento muito considerado pela opinião publica, apresentou-se luxuosamente em uma apparatosa installação que occupa em largura e em altura todo o lanço da parede do lado esquerdo da entrada da nave.

Exhibe ella além de uma collecção de photographias de plantas, copiadas de exemplares do estabelecimento horticola do sr. Marques Loureiro, uma grande variedade de retratos em *carte-table*, *exposition*, *impérial* e *promenade*, bem como diversas ampliações em grande formato.

Em todos os trabalhos d'esta casa aprecia se principalmente um esmero inexcedivel no acabamento, o que torna o retrato de um brilhantismo e de uma frescura insinuantes.

Na vasta collecção que expõe ha sem duvida exemplares de merecimento, mas no conjuncto nota-se a nitidez excessiva resultante do retoque levado ao extremo da minuciosidade.

Assim, eliminados os traços physionomicos, egualados os planos por falta das gradações naturaes dos toques de luz, o modelado torna se secco e o relevo desapparece.

É necessario comprehender-se de uma vez para sempre, que desde que falte a verdade na photographia, o retrato deixa de ser uma obra de arte e portanto fica reduzido ás proporções de um trabalho material de insignificante valor. Ora reproduzindo a camara escura as fórmas com uma fidelidade extraordinaria, o grande merecimento do photographo está em eliminar da imagem o que seja superfluo sem destruir comtudo o essencial, o desenho.

N'estas circumstancias, o trabalho divide-se pelo operador e pelo retocador. A sciencia do primeiro está na acertada escolha da posição e na boa distribuição da luz e o merito do segundo em fazer sobresair, sem exagero, todos os caracteres da individualidade. Para a obtenção dos primeiros resultados é essencial, depois do bom gosto do photographo, que o *atelier* tenha as proporções e as condições indispensaveis, e para o conseguimento dos segundos que o retocador possua uma educação artistica não vulgar.

Nada mais falso, nem de peior effeito, por exemplo, do que o ver-se um rosto de perfil completamente negro, com uma linha branca, de luz, a contornar esse perfil. Nada mais exquisito do que o tom geral acastanhado, de uma cabeça, com uns toques de luz caprichosos na testa, no nariz, e em parte da face.

Nós sabemos perfeitamente que esses *trucs*, que essa apparencia fina e lambida da photographia fazem a admiração e o enthusiasmo de muita gente, mas no meio dos progressos realisados nos ultimos tempos, todos esses expedientes devem ser abandonados.

Já lá vae o tempo em que se julgava que para o retrato ficar bem saliente e bem fixo era necessario collocar o modello perfeitamente no fóco. Hoje, como é sabido, para que a imagem adquira suavidade e belleza, nos resultados da impressão, convem que o modello saia um tanto do fóco, por meio de uma posição adequada.

Ora as difficuldades em produzir um bom retrato directo, duplicam quando se trata de uma ampliação, e assim é, que quasi sempre este genero de reproducção photographica se torna excepcionalmente convencional e amaneirado.

Se para retocar um retrato em cartão album se requerem conhecimentos especiaes, para aperfeiçoar uma ampliação precisa-se ser verdadeiro artista.

Ninguem desconhece que a ampliação sae vaga e grosseira e que portanto o retocador tem como que de desenhar completamente a figura. Como porém isso demandaria um trabalho, que a ser feito com sciencia, elevaria muitissimo o preço por que ordinariamente se pagam esses retratos, o resultado é que o photographo se limita a aformoseal os, alisando o mais possivel a carnação por meio de um granitado subtil e accentuando os trajes, não se prendendo nem com minucias de modellado, nem com requisitos de tom.

Os fundos, n'esta especialidade de retratos, são tambem um ponto delicado, porque não se consegue facilmente dar-lhes uma côr que faça destacar bem a imagem. Quasi sempre a tonalidade geral d'esses fundos é a mesma das carnes e das roupas, e d'ahi a monotonia do retrato e o seu pouco relevo.

O retrato ampliado, pois, no nosso parecer, não passa na maioria dos casos, de uma bonita aberração, de um producto anti-artistico.

Todas estas considerações que vimos fazendo e com as quaes não pretendemos de modo algum dar lições a ninguem, teem apenas por fim demonstrar que com os elementos de que a Photographia União dispõe, precisa ella corroborar a fama que tem alcançado por meio de uma determinação mais consentanea com os pontos de vista artisticos. A mão de obra, os processos materiaes são sem duvida indispensaveis, mas a arte é tambem de um grande valor na photographia.

De tudo quanto deixamos dito não se deprehenda que a Photographia União se apresente n'este certamen de um modo desairoso. Pelo contrario. Nas suas collecções ha trabalhos dignos de apreço, incluindo uma ou outra ampliação, como por exemplo a do retrato da cantora Adele Borghi.

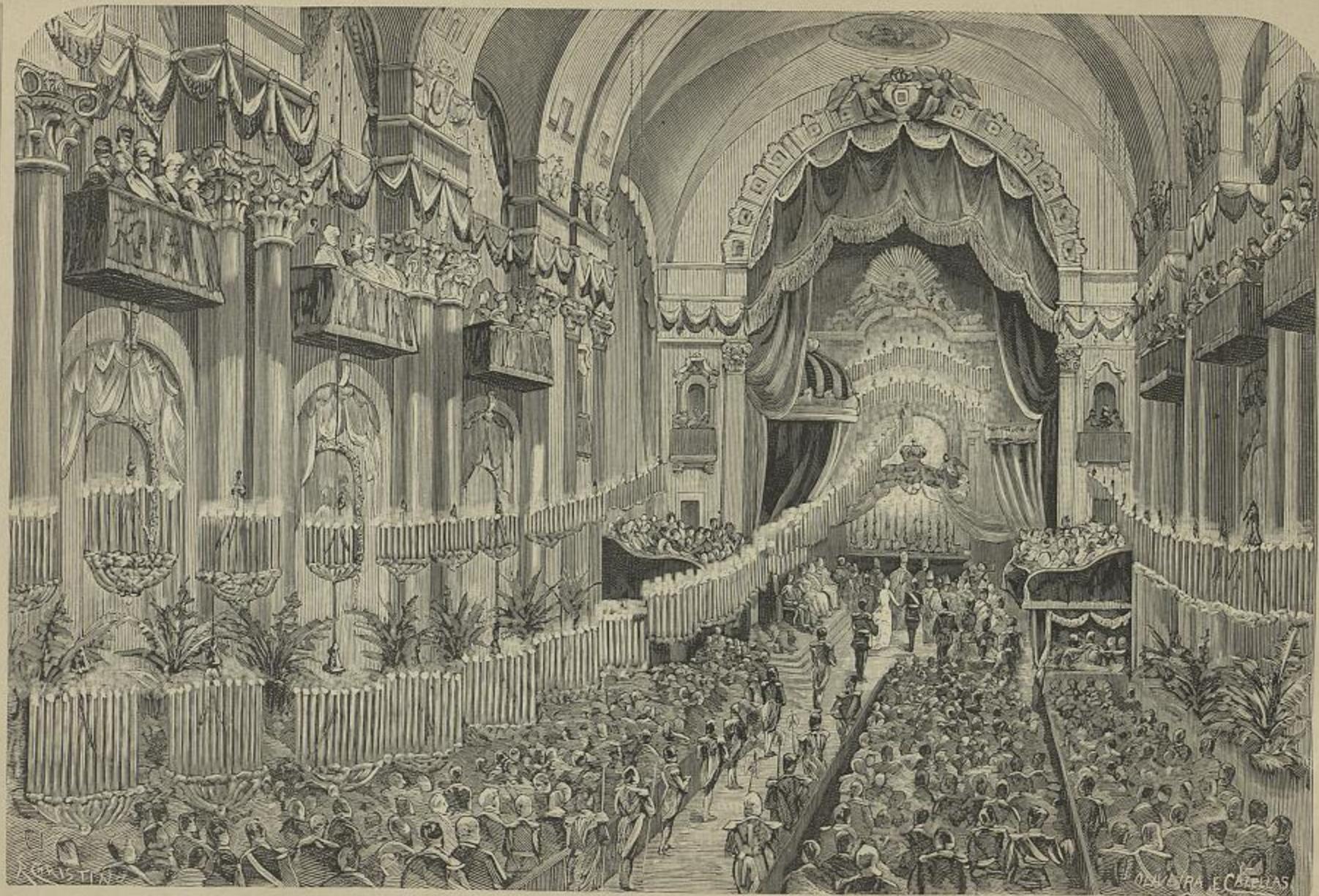
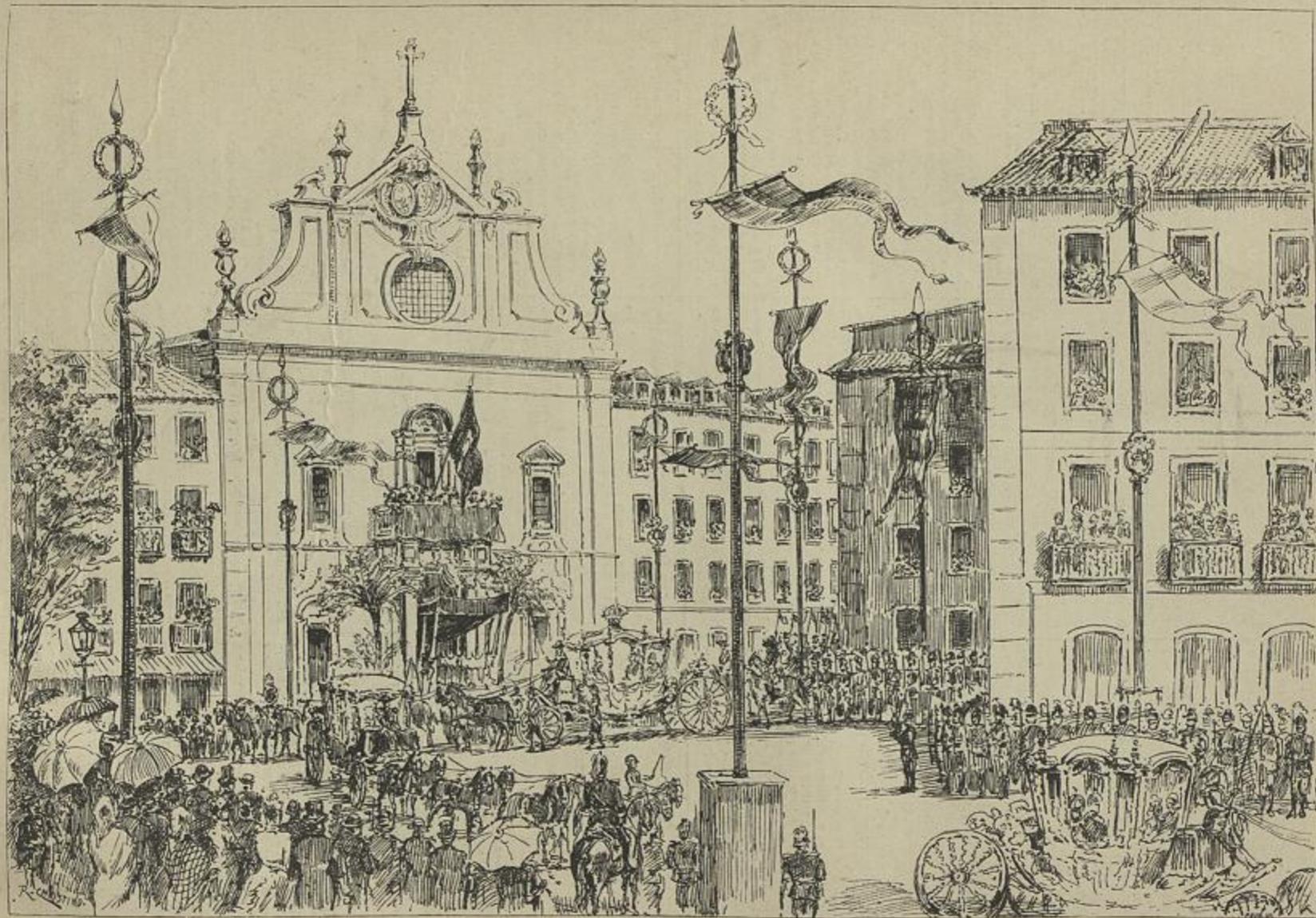
Quanto ás photographias de plantas, essas reproducções eram de uma certa difficuldade com as antigas chapas de clodio, mas presentemente são facilimas por meio dos novos processos conhecidos. A nitidez d'essas provas tem valido á União varias recompensas nas exposições horticolas a que tem concorrido tanto no paiz, como ainda ha pouco em Madrid.

Os antigos photographos os srs. Silva Pereira & Ferreira apresentam, além de uma collecção de retratos, varias provas em photographia, chromotypia, ferrotypia e cianotypia.

Esta casa, que vae um tanto na rectaguarda dos progressos da photographia, exhibe ainda assim alguns trabalhos bons, entre os quaes apontaremos como exemplo, dois retratos em placa, um do sr. dr. José Pereira Reis e outro do sr. Fonseca, antigo director da Academia Portuense de Bellas Artes.

Tambem não deixaremos de mencionar um retrato em chromotypia do sr. Camillo Castello Branco, o mais verdadeiro e o mais parecido de quantos conhecemos d'aquelle illustre escriptor, a quem os photographos, talvez por uma homenagem de admiração, procuram quasi sempre desfigurar nos seus clichés, com negridões e retoques phantasticos.

De Lisboa concorreram apenas os srs. João Camacho e Rochini. O primeiro enviou só um busto de senhora, em duble-placa, trabalho agradavel, mas que não póde dar uma ideia perfeita dos productos do seu estabelecimento. Pena foi portanto que não exhibisse maior numero de provas.

O sr. Rochini expõe uma collecção de primorosas photographias a saes de prata, de monu-

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA — C REMONIA DO CASAMENTO NA EGREJA DE SANTA JUSTA, 22 DE MAIO DE 1886 (Desenho de J. Christino)

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA — SAHIDA DO CORTEJO DA EGREJA DE SANTA JUSTA (Desenho de J. Christino)

mentos e panoramas. Os trabalhos, n'este genero, do distincto photographo, extremam-se pela nitidez e pela fidelidade da reproducção e apenas o que sentimos é que os preços dos exemplares não estejam muito ao alcance dos estudiosos pouco endinheirados.

É sabido que as photographias de uma certa ordem de monumentos são um valioso auxiliar para os que se entregam a investigações de arte e de archeologia. Ora custando cada um dos cartões 500 e 600 réis, uma collecção d'esses monumentos difficilmente póde ser alcançada, sobretudo pelos escriptores, por via de regra pouco abastados.

Um grande serviço que os photographos nos prestariam, a nós, os que estudamos um pouco, seria pois o facilitar a aquisição das photographias de monumentos e de obras de arte, reproduzindo-as por meio de algum dos processos que mais embaratecessem esses trabalhos.

O sr. J. A. da Cunha Moraes expõe uma numerosa quantidade de vistas e typos da Africa, photographias estas que tem servido para a sua interessante publicação *A Africa Occidental*. Os trabalhos do sr. Cunha Moraes, já pelo interesse que inspiram, já pela sua boa execução, tornam-se de incontestavel valor.

De Coimbra concorreram os srs. José Maria dos Santos, proprietario da Photographia Conimbricense, Adriano da Silva e Sousa e Photographia Sortoris.

Dos tres, o que melhor se apresenta é o sr. José Maria dos Santos, que exhibe uma collecção de 12 vistas de Coimbr , comprehendendo interiores de edificios publicos. Os trabalhos d'este photographo são recommendaveis pela sua nitidez e perfeição.

O sr. Adriano da Silva e Sousa expõe varios retratos apreciaveis, e melhor se apreciariam se a impressão demasiado escura não os tornasse um tanto duros. A Photographia Sortoris pouco ou nada se extrema. Enviou sómente dois retratos em cartão de visita e algumas vistas de Coimbra.

Depois da menção d'estes productos, chegaram mais alguns estrangeiros.

Referir-nos-hemos em primeiro lugar á notavel collecção de provas isochromaticas em gelatino-bromurada, feitas directamente e sem nenhum retoque, pelo sr. A. Attout Tailfer, de Paris.

Eis resolvido n'estes trabalhos o problema da relatividade dos tons em photographia e sobre a qual, como já referimos, o sr. Scolik, de Vienna, apresentou diversos estudos

As côres sobre as quaes o sr. Tailfer operou foram o azul, o amarello e o alaranjado, e assim apresenta as aproximações d'esses tons, por meio de copias de um quadro de Chaplin, e de outro de Bouguereau, bem como de vidros com pinturas coloridas. A differença extraordinaria dos resultados obtidos pelo distincto photographo avalia-se perfeitamente pela comporação das duas photographias dos referidos vidros, uma ordinária e outra isochromatica. N'aquella, a pintura vê-se descorada, fria, sem gradações intermediarias entre o branco e o preto, emquanto que n'esta os tons destacam-se suavemente, determinando-se bem por cambiantes de claro-escuro, as diversas côres do quadro.

O sr. Tailfer, applicou ainda as suas chapas isochromaticas a paizagens ao ar livre, a marinhas, ao interior de uma cathedral e a photographias instantaneas, e as vantagens d'este processo são do mesmo modo importantissimas na questão de côr. Os planos determinam-se e acentuam se melhor do que pelos processos anteriores, e os effeitos de luz produzem-se com maior naturalidade e belleza.

Todos os especimens expostos são excellentes e as descobertas feitas por este insigne artista, dignas da mais elevada consideração e apreço. Aconselhamos os nossos amadores a ensaiarem as chapas isochromaticas d'este photographo.

O sr. Pierre Patin, de Bois Colombes, França, enviou dois positivos em vidro, sendo um retrato da Patti e uma vista instantanea do transatlantico *Normandie*. Nada offerecem de notavel, a não ser as bellas molduras em vidro, imitando o antigo.

O sr. Eugenio Pirou, de Paris, expõe em uma elegante instalação de velludo verde e encarnado, uma collecção de retratos sobre porcelana. São trabalhos apreciaveis, realçados pela materia em que a imagem é impressa. Entre os retratos ha alguns que reunem á boa execução, uma disposição muito artistica dos modellos. A collecção d'estas photographias acha-se incompleta, em consequencia de se terem partido umas tres durante o tramsporte.

Os srs. Bergeret & de Joux, apresentam varios trabalhos, muito perfeitos, em phototypia.

Finalmente o sr. H. Mackenstein, de Paris, exhibe uma preciosa collecção de instantaneos, representando marinhas, paizagens, etc., produzidos pelos apparelhos photographicos do mesmo expositor, e alguns dos quaes tambem estão patentes. As provas são inexcediveis de nitidez, apresentando bellos effeitos da natureza.

Porto, abril.

(Continua) *Manuel M. Rodrigues.*

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

IX

Novo elemento para diagnostico — O exame microscopico da raiz do cabello — A proposito dos cabellos — Os chamorros — As medicas em Inglaterra — A escola Henriette Street.

O exame da raiz dos cabellos, realisado pelo doutor Pincus, de Berlim, fornece muitas indicações para o diagnostico de varias doenças. A observação microscopica do bolbo á luz polarisada revela as modificações, que passamos a expor. Se a raiz dos cabellos apresenta um contorno branco e nitido em volta do nucleo amarello ou escuro-avermelhado, o individuo, ao qual pertencem esses cabellos, está bom de corpo e de espirito. Se o individuo, porem, é victima de alguma ligeira doença inflamatoria, ou d'uma lesão local sem grande importancia, ou de perturbação mental pouco caracterisada — a extremidade bolbosa da raiz do cabello é allongada e engrossada na razão directa da importancia da doença, e á luz polarisada o nucleo central toma a côr de violeta, azul, ou esverdeada, separada no contorno branco por estrias amarellas e vermelhas. Se a doença é grave, o bolbo capillar adquire maior desenvolvimento e o nucleo mostra-se verde ou de côr alaranjada.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 267)

XXIX

A vingança do corregedor

O que se estava passando na consciencia d'esse homem, cuja illustração e prestigio ninguem podia contestar, devia ser uma cousa indiscriptivel, a julgar pelo alto conceito que de suas qualidades moraes e integridade lhe fazem em extensos panegyricos os seus biographos.

Mas dado o primeiro passo, em momento de allucinação e de fraqueza, não seria licito a um homem da sua esphera retrogradar.

Ha erros que não se corrigem, faltas que não se podem remir sem desdouro publico, embora a consciencia receba a satisfação de haver cumprido um dever.

O mundo nem sempre julga por esse fôro intimo.

Manuel de Pina e Antonio de Pina, dois malvados, dois homens perdidos, segundo a tradicção attesta, haviam-lhe criado uma situação de que já não era possivel sahir-se com honra.

Elle tinha-os associado á sua vingança, o sonho maldito de tantos annos de cruel despeito, e elles cavilosamente haviam-n'o constituido protector e cumplice de um bando de scelerados.

Quando chegou a conhecer bem claramente a extensão do abysmo que tinha diante de si, já era tarde

Quer retrogradasse, quer avançasse, o precipicio era inevitavel. Tinha portanto de permanecer immovel na situação infernal que aquelles dois malvados lhe criavam.

Deixava de ser o corregedor do crime para ser o chefe de um bando de sicarios.

A sua rectidão convertia se em covardia e a sua covardia habilitava-o a commetter todas as atrocidades.

A noticia do desacato produzira uma sensação extraordinaria.

Todos se empenharam em descobrir o auctor ou auctores do attentado e só elle tinha interesse em occultal-os, porque as revelações d'esse processo não podiam deixar de o comprometter.

D'ahi conhecidas as circumstancias do crime, a sua gravidade subia de ponto.

Manuel de Pina falára lhe simplesmente de roubo, e os factos mostravam que em vez de roubo o movel do crime havia sido unica e premeditamente um aleivoso attentado á magestade divina, um attentado sem nome, de que não havia ha muito memoria e que sobrelevava a tudo que a imaginação mais preversa e o espirito mais atacado da lepra da impiedade ousasse produzir.

A prova evidente d'isto estava em que nenhuma das preciosidades da egreja havia desapparecido.

Tudo se encontrou nos seus logares proprios, perfeitamente acondicionado

Surprehendido, attonito, cheio de escrupulos de consciencia, não teve coragem para se apresentar no logar do delicto.

Encerrou-se no seu gabinete e ahi recebia as noticias que lhe eram trazidas a todo o momento.

Manuel de Pina só lhe appareceu ao cahir da tarde.

Vinha prazenteiro e expansivo como nunca o vira.

— Como foi isto? perguntou-lhe aterrado. Que tem feito em todo este dia?

— Preparei a vingança do corregedor, respondeu elle com o maior cynismo.

E accrescentou com a maior satisfação:

— Tudo excellente.

— Tudo infernal, clamou o corregedor. Eu estou a arder. Sinto dentro em mim o fogo do inferno. Commetteu-se um desacato inconcebivel, e se soubesse que eram essas as suas intenções, oppunha-me, porque primeiro que tudo e acima de tudo eu sou christão.

— Tambem eu, respondeu hypocritamente o malvado, mas já agora foi melhor assim. Deus sabe que em nada influimos. Nós só queriamos acabar com o escandalo das visitas nocturnas de Solis ao convento de Santa Clara, e grande serviço fizemos á religião, occultando as scenas que ahi se passam, e achando um pretexto de as evitar.

Em seguida expoz quanto se havia passado, com uma grande lucidez, como se tratasse do negocio mais licito, da mais justa pretenção.

O corregedor ouviu o com espanto.

Quando elle tratou da busca passada aos velhos casebres do Poço de Entre as Hortas, onde estavam de facto os verdadeiros auctores do desacato que tanto o impressionára, não poude conter o seu desespero.

Manuel de Pina lisonjeava se do logro que tinham soffrido os agentes da justiça e o ministro da alçada. Era a primeira vez que elle, magistrado, ouvia desacatar na sua presença o principio da auctoridade.

Ergueu-se n'um esforço supremo e protestou.

— Não, que esses malvados sejam presos e soffram o castigo que a lei prescreve, eu vou immediatamente...

Mas não poude concluir porque Manuel de Pina, collocando se na sua frente e fitando-o com a liberdade de um cumplice, disse:

— Vae comprometter-me e a meu pae, que o servimos n'este negocio! Olhe bem o que faz sr. corregedor, veja que a minha auctoridade é n'este momento egual á sua, para lhe dizer que não póde trocar o papel que para si escolheu n'este drama.

Depois proseguiu:

— Solis deve n'este momento ter sido preso, e nenhum poder humano poderá já salval o, se declara onde passou a noite em que se commetteu o desacato, cae nas fogueiras da inquisição e arrasta comsigo alguem mais, cuja vida de certo lhe é muito cara, se, ao contrario, guardar segredo a esse respeito, acceitará a responsabilidade dos factos que o criminam, e o braço secular leval-o-ha egualmente á fogueira.

O corregedor mostrou-se vencido por estes argumentos.

Todavia inquietava-o a situação em que se encontrava.

— E se apparecer um dia o verdadeiro criminoso, perguntou elle.

— Não está acaso na nossa mão fazel-o desapparecer?! Veja que sou eu o primeiro interessado n'este negocio. Apresse o julgamento de Solis que eu respondo pelo resto. O *Frade* é odiado pelos companheiros, a covardia de que deu provas n'este caso do desacato é razão bastante para espalhar entre elles a discordia e para os convencer do perigo de uma tal camaradagem. Comprehende?...

— De mais e nem tanto eu quizera comprehender, respondeu o corregedor.

E concluiu n'um impeto de desespero.

— Responda-me por si, que eu responderei por mim.

N'este momento fazia-se annunciar o ministro da alçada, que ia communicar o resultado das suas pesquizas e receber instrucções para proseguir no desempenho da grave commissão de que estava incumbido.

A presença de Manuel de Pina considerava-se alli de mais, ao mesmo tempo que era admittido

Ha muito que estava averiguado que as perturbações profundas no organismo davam logar a modificações na nutrição e na pigmentação, isto é, na côr dos cabellos. Por isso as grandes fadigas, as doenças, os desgostos alteram de tal modo os cabellos, que se despegam ou se tornam brancos. Mas deve-se ao dr. Pincus a observação de que ainda as menores perturbações se reflectem no bolbo do cabello, tendo assim fornecido esse medico de Berlim, um poderoso elemento de diagnostico. A côr dos cabellos é geralmente loura nos paizes do norte e escura nos paizes mais proximos do equador. Todavia a côr escura denota quasi sempre um temperamento bilioso.

Os cabellos nascem na espessura da pelle, no interior de pequenas capsulas chamadas *folliculos pilosos*. A estructura dos cabellos tem grande analogia com a das unhas. Se a edade altera a nutrição dos cabellos, não menos influente é o habito de os frizar. O costume de os cortar, mas de modo que não fiquem demasiadamente curtos, é conveniente.

Em todos os tempos e em todos os povos, tiveram alta importancia os cabellos.

Nos primeiros tempos da monarchia portugueza, como se deprehende do foral original da villa de Santa Cruz da Ponte do Sabor, dado por D. Sancho II em 1225 e do que sobre elle diz o padre Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, as mulheres solteiras usavam os cabellos compridos e soltos e a cabeça descoberta, as casadas tambem usavam a cabeça descoberta, mas os cabellos atados ou encaracolados, e as viuvas os cabellos curtos e cobertos com touca.

Entre os godos e outros povos os cabellos crescidos eram signal de honra. Cortar o cabello era signal de escravidão. Por isso os que se dedicavam ao claustro cortavam os cabellos: era a *tonsura*. Os seculares, que se faziam confrades dos monges, offereciam-se ao mosteiro cortando um dos seus cabellos, pela mão do abbade que o depunha no altar, em holocausto. D'este modo ficavam participantes dos bens *espirituaes e temporaes*. Os Longobardos adoptavam os filhos alheios, cortando-lhes alguns cabellos. A cabeça rapada era signal de infamia inflingida aos criminosos, e ás mulheres de vida dissoluta, que não eram goso de algum alto e poderoso senhor, mas passatempo da arraia meuda. A estas prohibiam as cortes de Evora de 1481 o uso das mantilhas, e mandavam que trouxessem os cabellos em véos açafroados.

Em Portugal, foi el-rei D. Fernando I, quem primeiro fez a barba e usou o cabello cortado, sendo imitado tão sómente no côrte dos cabellos pelos seus guerreiros, para ficarem mais á vontade, diz fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, nas *viseiras, morriões e capacetes*. Depois da batalha de Aljubarrota, os castelhanos achavam-se altamente affrontados, não só por terem sido vencidos, mas pela derrota lhes ter sido dada por *chamorros*, nome com que julgavam aviltar os portuguezes em consequencia de usarem o cabello cortado.

— Não foi sem resistencia que o sexo bello conquistou em Inglaterra o direito de cursar a medicina, e de se doutorar n'essa faculdade. Segundo o que escreve Robert Wilson, na *British Review* foi em 1869, na Escocia que algumas senhoras tentaram penetrar nas escolas de medicina, amphitheatros e hospitaes. — Foi *miss Jeck Blake*, quem pediu auctorisação para si e para quatro amigas, para inscreverem-se na faculdade de Edimburgo, a qual lhes foi dada a titulo de tolerancia; mas quando a capacidade e intelligencia das estudantes demonstrou, que seguiam seriamente a carreira medica, foi-lhes prohibido continuar. Protestos, acção juridica, tudo foi inutil e miss Blake e as suas condiscipulas deixaram a Universidade de Edimburgo e vieram para Londres, onde grande numero de pessoas influentes e entre ellas o dr. Austie fundaram a escola medica de *Henriette Street*.

Ainda assim os obstaculos não faltaram. Os hospitaes negaram as suas enfermarias e os seus amphitheatros e os corpos docentes escusaram-se a examinar as alumnas e a dar-lhes o diploma.

Comtudo Stansfeld, membro do parlamento, conseguiu que o *novo hospital* fosse franqueado ás estudantes mediante 315 libras, pagas pela Escola, e 400 libras pelo corpo docente, durante cinco annos. Para fazer face a estas despezas concorreram os donativos de todos os lados e graças a elle, a *Escola Henriette Street* tem se podido manter.

Diga-se agora alguma cousa do estabelecimento. Tudo ali é apropriado e confortavel: aulas, material de instrucção, museu, bibliotheca, laboratorio, sala de leitura e de chá, amphitheatro anatomico, jardim de recreação, *lawn-tennis* (jogo da pella). As estudantes não teem alojamento na escola *Henriette Street*, a qual admitte livremente alumnas de todas as classes, ainda mesmo aquellas que não se dedicam á medicina. A escola de Bellas Artes tem ali um auxiliar poderoso, em consequencia do estudo de anatomia a que muitas senhoras se dedicam, como preparatorio para o dezenho e pintura.

A distribuição dos estudos é feita do modo mais util, sem cançar em demasia e sem necessidade nem os professores nem os alumnos.

Desde 1874 que a escola *Henriette Street* tem leccionado 150 senhoras, das quaes 41 receberam o diploma do collegio real dos medicos da Irlanda e 13 tiveram a approvação da Universidade de Londres, alcançando duas a medalha de honra e cinco as graduações de honra.

Miss Helena Bridam, não somente obteve a medalha, mas um premio pecuniario no exame de anatomia. Nomeada cirurgião de um hospital de Paddington, tem alcançado o maior exito no tratamento das doenças da infancia.

É auxiliando a creação d'estes institutos que a sociedade affirma o seu amor pelo progresso e não fazendo despezas enormes em ostentações e festas ruidosas, inuteis e tolas. Note-se que bastaram 1:000 libras para a fundação da escola Medica da rua Henriette! E quantas mil libras se não gastam em fumo e em ouropeis!

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

EXPULSÃO DOS PRINCIPES DE ORLEANS, DE FRANÇA. É esta a questão mais palpitante no momento presente. A expulsão da familia Orleans dos territorios da França apparece de novo á republica como um phantasma tetrico ou pesadello importuno de que se pretende despertar. E cremos bem que tudo é sonho ou então a republica não se considera segura. A recepção dada pelos condes

---

o ministro da alçada, desapparecia elle por detraz do reposteiro que revestia uma das sahidas secretas do gabinete do corregedor.

Posto não lhe fosse estranha a scena que ia passar-se entre esses dois homens, a curiosidade levou-o a conservar-se alli occulto.

Podia dispôr ainda de algumas horas.

No bilhete que deixára aos companheiros da noite nos casebres do Poço de Entre as Hortas annunciava-lhes uma entrevista para a meia noite.

Até lá nada perdia em ouvir o que aquelles dois homens iam dizer.

De facto assim succedeu.

A conferencia entre o corregedor e o ministro da alçada foi breve, mas do mais alto interesse para elle, porque lhe trouxe o convencimento de que não podia contar com a boa vontade do ministro encarregado das devassas.

Esta contrariedade podia ter graves consequencias.

Quando a conferencia terminou e o corregedor a sós ia amaldiçoar a hora em que se envolvera em similhante intriga, Manuel de Pina tomou o de surpreza.

— Aquelle homem é um perigo para nós ambos, exclamou. O corregedor explicou-se de mais para mostrar o seu interesse em criminar Solis, e elle disse o bastante para se comprehender que não está disposto a auxilial-o.

Era isso mesmo que o corregedor estava pensando.

Elles entreolharam se em silencio, inquietos.

Atormentava-os a consciencia e entravam no periodo terrivel das desconfianças.

— Que fazer n'este caso?

O corregedor já se não atrevia a deliberar sem a consulta do seu cumplice.

— Demittil-o é pouco, e já, n'esta occasião, é imprudente.

— De accordo. E tudo depende do summario da maneira de preparar os elementos do processo!

— É preciso affastal-o de Lisboa, uma commissão importante, qualquer cousa que lhe lisonjeie a vaidade ..

— Sim, sim, applaudiu o corregedor, apprehensivo.

E vivamente excitado, quasi febril, exclamou:

— Você é o diabo, e eu desde que entrei n'este inferno não posso estar de mal comsigo. É preciso collocar Solis em melhores mãos e pôr o *Frade* fóra da acção da justiça. Inquieta-me esse homem. Póde trahir-se, póde ter um capricho insensato...

Emfim uma hora de arrependimento...

— Pois socegue que lhe havemos de tapar a bocca e ha de ser esta noite mesmo.

. . . .

De facto á hora designada, um phantasma, tendo na cavidade dos olhos duas chammas de fogo, atravessava lentamente a estreita azinhaga do Poço de Entre as Hortas e desapparecia através as ruinas do velho casebre.

Esse vulto era Manuel de Pina, e aquelle costume melhor disfarce na situação presente, para não ser incommodado no seu passeio nocturno.

D'ahi, depois do succedido, nada mais rasoavel que o apparecimento de phantasmas e espiritos sobrenaturaes.

A superstição publica dava, d'este modo, livre curso á sua phantasia, e alimentava-se com o seu mais precioso manjar.

O *Trovão* e o *Mata-Judeus* esperavam anciosos.

Elle tinha-lhes dito no bilhete que lhes deixára:

«Nada receiem, que o verdadeiro criminoso deve ser preso e o testemunho de vocês bem compensado.»

Em vista da resposta aguardavam a chegada do filho do escrivão do crime, a fim de se esclarecer a duvida em que estavam com relação ao destino que levava o *Frade*.

Alludiria a elle este aviso? Mas dada essa hypothese a que testemunho se referia Manuel de Pina?

Esperaram.

Á meia noite ouviu se um ruido estranho, como de arrastar correntes de ferro, e o signal convencionado entre os companheiros.

A escuridão não permittia que se reconhecesse quem era o recemchegado.

Foi lhe franqueado o ingresso no subterraneo e então poderam acclamar com alegria a desejada visita, que vinha de certo esclarecel-os sob tantos pontos duvidosos.

— O *Frade* roubou-nos e fugiu, logo lhe disseram antes de mais nada.

— Fugiu! repetiu assombrado Manuel de Pina.

Depois de ser posto ao facto do occorrido a este respeito é que poude comprehender que o desgraçado havia sido victima de um ataque invencivel de medo, que nem o deixára praticar o furto planeado, nem lhe permittira que aguardasse junto dos companheiros as consequencias dos seus actos.

A situação complicava-se portanto.

— Rapazes! disse elle, se esse poltrão dá com a lingua nos dentes, a vae cahir nas mãos de algum alcaide, estamos perdidos!

Os companheiros da noite entreolharam-se assustados e receiosos.

— Vão agora lá atraz d'elle, exclamou um profundamente desanimado.

— E todavia é preciso que um de vocês se encarregue de lhe seguir a pista...

— Para quê? perguntou o *Trovão* sem poder dissimular o seu mau humor. Para o prevenir de que é perseguido?

— Não, replicou Manuel de Pina, para evitar que o venha a ser de futuro com prejuizo nosso.

O *Mata-Judeus* que comprehendeu logo o alcance d'estas palavras, respondeu:

— Isso dá-se cabo d'elle...

Manuel de Pina estendeu lhe a mão.

— Adivinhaste o meu pensamento. Partirás hoje mesmo.

— Hoje! repetiram os tres homens, isso é mais que temerario. Logo nos fillavam.

Manuel de Pina tirou da algibeira um pedaço de papel onde escreveu algumas palavras e entregou-o ao *Mata-Judeus*.

— Com este salvo conducto poderás atravessar o paiz sem que auctoridade alguma te possa impedir o transito, antes d'ellas havereis todo o auxilio e soccorro.

Depois voltou-se para o *Trovão* e proseguiu:

— Nós ficamos tres para testemunhas do processo que vae ser instaurado a Simão Pires Solis, ou para completar a vingança do corregedor.

Desde esse momento a situação dos companheiros da noite mudava de todo, definia-se de um modo mais claro, tornava-se menos cheia de perigos, quasi invejavel.

Todavia, n'estes horisontes côr de rosa para elles, e da côr do fogo do inferno para o corregedor e seu satellite, o filho do escrivão, destacava-se um ponto negro que os incommodava sobremodo, e era uma permanente ameaça, uma terrivel duvida.

Aonde estaria o *Frade?*

Por mais diligencias empregadas, a existencia d'esse desgraçado continuava sendo um mysterio inquietador, para quem com elles não tivesse a consciencia muito tranquilla.

Entretanto representava cada um o seu papel e cooperava na obra commum com habilidade e fortuna.

(Continúa)

Leite Bastos.

de Paris no seu palacio antes da partida para Lisboa, onde vieram acompanhar sua filha, a princeza D. Maria Amelia, é que fez despertar de novo a questão de expulsão dos Orleans, porque a republica viu n'essa recepção particular uma manifestação de realeza com que ella não está de accordo. D'ahi nasceram logo projectos e propostas no parlamento, que logo ao abrir as suas portas explosiram como um desabafo apaixonado. Esses projectos e propostas estão em via de acalorada discussão, e não se póde ainda precisar qual será o seu resultado final.

Conferencia. O sr. visconde de Coruche realisou uma conferencia sobre agricultura, nas salas da Real Associação Central de Agricultura Portugueza, no dia 18 do mez passado. Assistiu á conferencia um numeroso auditorio composto na sua maioria de cavalheiros directamente interessados em assumptos agricolas, e o distincto conferente discursou com grande aproveitamento por espaço de duas horas, versando o principal de sua conferencia sobre a importancia da agricultura como felicidade e riqueza das nações, fazendo sentir que a cultura dos cereaes é a mais importante. O sr. visconde de Coruche affirmou com esta conferencia a sua grande competencia sobre o assumpto que tem estudado com intelligencia e amor.

Exposição de quadros. Foi aberta ao publico, nas salas do *Commercio de Portugal*, uma exposição de quadros, organisada pelos srs. Felix da Costa e Hygino de Mendonça e coadjuvada por outros amadores que expõem os seus quadros, feitos em horas d'ocio, com todo o amor de um amante apaixonado que idolatra a sua *ella* esquiva e cruel que lhe despreza a côrte. A *ella* é a arte. Duas individualidades mais distinctas se nos manifestam n'esta pequena exposição, e são ellas o sr. Felix da Costa que expõe uns retratos e cabeças de estudo muito apreciaveis, e o sr. Jeronymo Banhos que apresenta umas marinhas onde se revela mais alguma cousa que amador e onde nos parece que o estudo poderá completar as exitações do seu pincel. Do mais bons desejos e mais nada.

Appello litterario. Carecendo o valente poeta e sabio philologo italiano, o sr. Marco Antonio Ganini, auctor do extraordinario *Libro dell Amore* — a mais colossal onthologia amorosa que se conhece — de obras portuguezas e brazileiras antigas e modernas, para a preparação do segundo volume da mesma onthologia e do appendice ao primeiro, já publicado, como tambem para a preparação de suas outras importantissimas collecções de poesia universal, annunciadas com os titulos de *Livro da Fé* e *Livro da Patria*; e não dispondo de meios para adquirir aquellas obras o benemerito velho, cuja pobreza honrada, laboriosa e fecundissima, já calorosamente louvada por Gustave Flourens, mereceu que, a fim de se promover, por subscripção publica, a impressão dos seus *Estudos Etymologicos* se constituisse em Turim um *comité* presidido pelo sabio Gorrezio; os escriptores abaixo assignados convidam os seus confrades e os patriotas de Portugal e do Brazil a contribuirem para que sejam melhor conhecidas e apreciadas no estrangeiro as litteraturas da lingua portugueza d'aquém e d'além do Atlantico, enviando ao sr. Marco Antonio Canini, residente em Veneza, call del Rimedio n.º 4:406 os livros e outras publicações portuguezas e brazileiras, antigas e modernas, de que possam dispôr, e que sejam aproveitaveis para os uteis e bellos trabalhos do illustre escriptor italiano, bem como quaesquer collecções manuscriptas, de contos populares, quer sejam de amor, patrioticos ou religiosos, portuguezes, brazileiros, dos indigenas das possessões portuguezas e dos indigenas do Brazil. Rogam aos jornaes dos dois paizes o favor de darem a maior publicidade a este appello. — Lisboa, 10 de maio de 1886. — *Antonio Feijó, Bulhão Pato, Candido de Figueiredo, Christovão Ayres, Fernando Leal, João de Deus, João Saraiva, Luiz Guimarães, Pinheiro Chagas, Romalho Ortigão.* — P. S. — Os auctores, editores e mais cavalheiros que, annuindo a este appello, não quizerem fazer as suas remessas directamente ao sr. Canini, podem enviar as publicações, ou quaesquer informações aproveitaveis, para a livraria Silva, Praça de D. Pedro, d'onde serão expedidas para o seu destino.

Regresso. O nosso antigo collaborador artistico e distincto pintor o sr. Antonio Ramalho já regressou de Paris e acha-se em Lisboa. O notavel artista completou os seus estudos na grande capital da arte e o seu aproveitamento tem-se manifestado em varias obras apresentadas no *Salon* e nas exposições do *Grupo do Leão*. Falaremos mais de espaço d'este artista que promette um futuro brilhante, se o pequeno circulo da arte portugueza não o atrophiar. Por hoje limitamo-nos a dar as boas vindas ao nosso bom amigo com o cordeal abraço da boa camaradagem.

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE D. CARLOS DE BRAGANÇA
Pavilhão dos alumnos da Quinta Regional, na rua 24 de Julho (Desenho de J. Christino)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Contos Modernos — Amores á beira-mar, por Alberto Braga, Lisboa, typ. Elzeviriana, 1886. Para quem conhece os bellos contos de Alberto Braga é escusado encarecer o trabalho do eximo prosador que tantas vezes tem honrado as paginas do Occidente com as suas bellas producções. *Os amores á beira-mar* são mais uma producção notavel do sr. Alberto Braga, em que o primor da linguagem não destoa da naturalidade da acção, fazendo o conjuncto um delicioso conto, que não temos duvida em recommendar aos nossos leitores, como um verdadeiro primor no genero.

Relatorio da direcção da Sociedade de Soccorros Mutuos União 1.º de Dezembro *de S. Pedro de Pena-Ferrim de Cintra.* Este relatorio é referente á gerencia do anno de 1885 d'esta sociedade, fundada em 1879 sob a protecção do sr. infante D. Augusto e da sr.ª condessa d'Edla, e que se tem mantido pelo auxilio de alguns cavalheiros da localidade. O relatorio é bastante desenvolvido fazendo a historia d'esta sociedade e dando minuciosa conta da sua receita e despeza, o que tudo se acha approvado pelo digno conselho fiscal no seu parecer, de que é relator o sr. Manuel Soares Ribeiro Junior.

Revista Intellectual Contemporanea, *publicação quinzenal adstricta ao jornal «O Interesse Publico».* Director litterario Fialho d'Almeida. N.º 2 correspondente a 15 de abril de 1886. Esta revista é o complemento do programma do jornal *O Interesse Publico*, fundado pelo distincto professor o sr. José Julio Rodrigues. Este numero começa por uma chronica militar a que se seguem outros artigos pela seguinte ordem: *A illuminação a gaz na cidade de Lisboa; Moeda metallica portugueza corrente no seculo* XIX por A. C. Teixeira de Aragão; *Sensibilidade e motilidade dos vegetaes*, por J. H.; *A sciencia.*

Revista de Estudos Livres, directores litterario-scientificos dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. Livraria Internacional editora, Lisboa, 1886. N.ºs 7 e 8, de setembro de 1885 a abril de 1886, publicando importantes artigos de que damos o summario: — *Historia da pedagogia em Portugal*, por Theophilo Braga. — *5.ª Exposição da Arte Moderna*, por J. Augusto Vieira. — *A Saint-Barthélemy*, por Lino d'Assumpção. — *O Conselho superior de instrucção publica*, por Teixeira Bastos. — *Natureza e funcções da Arte*, por G. Moniz Barreto. — *Dos fungos* (estudos botanicos), por Filippe de Figueiredo. — *A Surpresa* (episodio militar), por F. Sá Chaves. — *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, por J. Leite de Vasconcellos. — *As epopêias da humanidade na poesia portugueza contemporanea*, por Teixeira Bastos. — *Bibliographia: La légende tragique de Jordano Bruno* de Théophile Desdouits, por Teixeira Bastos; *Géographie médical* de Bordier, por Carlos de Mello; *Prophylaxie et géographie médicale*, etc., de Léon Poincaré, pelo mesmo; *Guide hygiénique et médicale du voyageur*, etc., de Nicolas, Lacaze et Signol, pelo mesmo; *Ensaio sobre a moderna concepção do Direito*, de Alberto Salles, por Theophilo Braga.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.